



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1294

CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS: CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS...

Maria Celma Borges
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Resumo. Este texto objetiva discorrer sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas, a partir da narrativa de uma experiência de produção de material paradidático intitulado “Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas”, produzido no ano de 2012, em Mato Grosso do Sul, para as séries iniciais do Ensino Fundamental, e centrado na compreensão da cultura como processo dinâmico. Escrito a “dez mãos”, contando com professores da área de História e da Educação, este material busca apresentar as culturas indígenas e afro-brasileiras como carregadas de vida, contradições e de ambiguidades, mas ainda de expressão de diversos saberes que se constituíram (e se constituem) na experiência dos agentes sociais, negros e negras, assim como dos povos originários, ao longo da história do Brasil, da América e do continente africano, em diálogo com outras culturas. Destacamos, então, os encontros e desencontros em meio a este processo. Ao trabalharmos com quatro Unidades norteadoras: “Quem sou eu, quem é o outro, quem somos nós?”; “De onde viemos?”; “E as nossas raízes?” e, por fim: “E os nossos direitos?”, este material visa contemplar aspectos da história e da cultura indígena e afro-brasileira que possam contribuir para combater a discriminação vivenciada por esses dois grupos. Objetivamos contribuir também para a compreensão da história do Brasil e da Afro-América, em sua dinamicidade, de forma dialógica, para quem sabe um dia as diferenças, as belezas e as contradições que compõem este mosaico que somos nós, possam vir a ser vividas e respeitadas em sua plenitude como algo positivo.

Palavras-chave: culturas; afro-brasileiro; indígenas; história

Introdução

Este texto objetiva discorrer sobre o ensino de história, em especial quanto ao trabalho desenvolvido nas escolas do ensino fundamental, chamando a atenção, num primeiro momento, para a discussão das fontes na escrita da história. Mas, o foco central da discussão está em apresentar uma experiência de produção de material paradidático intitulado “Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas”, publicado no ano de 2012, em Mato Grosso do Sul, para atender as

séries iniciais do Ensino Fundamental, e centrado na compreensão das culturas indígenas e afro-brasileiras como processo dinâmico.

Estas culturas são entendidas pela concepção de que são carregadas de vida, contradições e ambiguidades, mas ainda de expressão de diversos saberes que se constituíram (e se constituem) na experiência dos agentes sociais, negros e negras, assim como dos povos originários, ao longo da história do Brasil, da América e do continente africano, em diálogo com outras culturas. Destacamos, então, encontros e desencontros em meio a este processo.

Ao trabalharmos com quatro Unidades norteadoras: “Quem sou eu, quem é o outro, quem somos nós?”; “De onde viemos?”; “E as nossas raízes?” e, por fim: “E os nossos direitos?”, este material, produzido a dez mãos¹, visou contemplar aspectos da história e da cultura indígena e afro-brasileira, que pudessem contribuir para combater a discriminação vivenciada por esses dois grupos. Objetivou contribuir também para a compreensão da história do Brasil e da Afro-América, em sua dinamicidade, de forma dialógica, para quem sabe um dia as diferenças, as belezas e as contradições que compõem este mosaico que somos nós, possam vir a ser vividas e respeitadas, em toda a sua plenitude, como algo positivo.

A construção de materiais desta natureza talvez possa contribuir para que possamos “educar para a paz”, como sugerimos na Contra-capla da Coletânea:

Temos a grata satisfação de apresentar uma coletânea que colabora na construção desse propósito. O que é a paz, senão o respeito e a admiração pelo outro? Essa é uma tônica deste livro que traz histórias sobre a cultura dos povos originários do Brasil, os índios, e também sobre a população afro-brasileira. Buscamos enfatizar aspectos da história brasileira, pouco apresentados nos livros didáticos, que nos ajudarão a vencer a discriminação ainda presente quando se trata desses grupos. (DIAS et alii., 2012 – Contra-Capa)

¹ A convite da Profa. Lucimar Rosa Dias, organizadora da Coletânea, aceitamos este desafio. Na época, em 2010, a Profa. Lucimar era docente no curso de Pedagogia, da UFMS, Campus de Três Lagoas, e hoje está lotada no Departamento de Educação da UFPR. Compunha também a equipe a Profa. Maura Tânia Guimarães Colluci, docente da rede estadual, formada em História pela UFMS e minha ex-aluna; a Profa. Raquel Elizabeth Saes Quiles, no contexto professora do Campus de Três Lagoas e hoje lotada no Departamento de Educação da UFMS, Campo Grande e o Prof. Giovanni José da Silva, na época professor de História da UFMS, Campus de Nova Andradina, e atualmente lotado no Curso de História da UNIFAP – Universidade Federal do Amapá.

As fontes para o fazer-se² da História

Para uma reflexão desta Coletânea, entendemos ser importante - anterior à própria exposição do trabalho e de sua construção – discutir as fontes na história, particularmente as utilizadas para a operação histórica (CERTEAU, 1979). Para este exercício é imprescindível, num primeiro momento, precisar o que entendemos por fontes. As fontes são inúmeras e, conforme Marc Bloch (2001; s/d), um dos fundadores do movimento dos Annales, podem ser entendidas como todo e qualquer vestígio deixado pelo ser humano na terra.

Lucien Febvre, companheiro de Bloch na renovação da historiografia, de forma lírica, em “Combates pela História”, também apontou para esta dimensão, ao afirmar que a história se faz:

[...] com palavras, sinais, paisagens e telhas. Formas de campo e ervas daninhas. Eclipses da lua e colares de atrelagem. Exames da pedra por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo o que, tocando ao homem, depende do homem, sai do homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (apud GLENISSON, 1983, p.138)

Deste modo, as marcas de um sulco na terra, produzidas por um terremoto e deixadas há milhões de anos em qualquer parte de nosso planeta, tal como as anotações do diário de uma adolescente, com suas impressões, desejos e narrativa do cotidiano do século XXI, podem ser compreendidas como evidências históricas para a escrita da história. Disso se depreende que é fundamental o trabalho do historiador ao buscar encontrá-las, e as questões que levanta na definição do que pode ser utilizado para a sua escrita. Sem esquecermos, como sugere Vieira et alii (1991), que as fontes, no diálogo com a teoria e com os problemas de pesquisa, podem também sugerir novos problemas, evidenciando a sua dinamicidade e a negação de sua inércia.

Esta perspectiva vai de encontro à leitura rankeana, predominante no século XIX, de que a fonte exclusiva do historiador era o documento escrito, de preferência

² Para a compreensão do “fazer-se” da história a fundamentação teórica está baseada principalmente em Thompson (1981;1998)

o documento oficial. Confrontando-se com esta perspectiva positivista, no início daquele século, Michelet, ao estudar a Revolução Francesa e a gente que lhe dera face e vida, já apontava para a importância do arquivo como lugar de produção da história e de como a vida brotava em seu interior quando do contato com os documentos, fazendo-nos pensar o ofício do historiador e a necessidade de sensibilidade para a apreensão dos murmúrios por entre o que a primeira vista aparece como poeira e papéis velhos:

Não tardei a dar-me conta de que, no silêncio aparente das galerias havia um movimento, um murmúrio que não era a morte. Estes papéis, estes pergaminhos lá deixados durante tanto tempo, nada mais pediam do que voltar ao dia. Estes papéis não são papéis, mas vidas de homens, de províncias, de povos. Inicialmente as famílias e os feudos brasonados em sua poeira, reclamavam contra o esquecimento. As províncias sublevavam-se, alegando que a centralização errara ao acreditar tê-las sufocado. As ordenanças de nossos reis pretendiam não ter sido superadas pela multidão de nossas leis modernas. Se quiséssemos prestar ouvidos a todos, como dizia o coveiro no campo de batalha, nenhum morto haveria. Todos viviam e falavam, cercavam o autor com um exército de cem línguas que faziam calar a voz da República e do Império. Docemente, senhores mortos, procedamos pela ordem, por favor. (MICHELET, Apud GLENISSON, 1983, p.166)

Por ser fruto da ação humana, as fontes são múltiplas não se limitando ao espaço dos arquivos. Dependem do olhar que o historiador estabelece para a apreensão da riqueza inscrita no universo das práticas dos agentes sociais e de suas marcas na história, seja nos arquivos em sua multiplicidade, na natureza, nas histórias e memórias dos homens, mulheres e crianças, expressas pelas fontes orais, nas narrativas, nas construções e monumentos, dentre inúmeros outros lugares de produção do saber histórico e da vida.

Discutir a questão das fontes é primordial para a percepção de que a história se faz de matéria viva e de sujeitos de carne e osso, gosto e desgosto, em outras palavras, de sentimentos. Homens e mulheres, por meio de suas práticas, valores, saberes, apontam para a percepção de que no cotidiano das salas de aula desde as séries iniciais, no ensino fundamental e médio, bem como na universidade, cabe

interpretar a história e suas interfaces em vista do modo como ela se constrói, como é produzida, pensada e vivida pelos diversos agentes sociais.

A experiência na escrita de “Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas

Por esta premissa, para a compreensão da produção de saberes, de forma dialógica, sem hierarquias entre o saber escolar e o saber acadêmico, que aceitamos o desafio em contribuir na escrita da Coletânea: “Outras histórias... culturas afro-brasileiras e indígenas”. Esta experiência fora retratada em texto publicado na Revista ABPN³, em 2014, momento em que narramos, também a dez mãos, como construímos este trabalho entre os anos de 2010 a 2012.

Escrever “Outras histórias... culturas afro-brasileiras e indígenas”, (Coletânea I) implicou indagar como interpretamos, cotidianamente, as culturas e os diferentes saberes dos negros e negras e dos povos originários, construídos, de forma muitas vezes conflituosa, ao longo da história brasileira. Uma das diferenças na construção deste material foi a opção, em seu interior, de trabalharmos com a expressão “povos originários” e não “indígenas”, mesmo que o título já carregue esta designação.

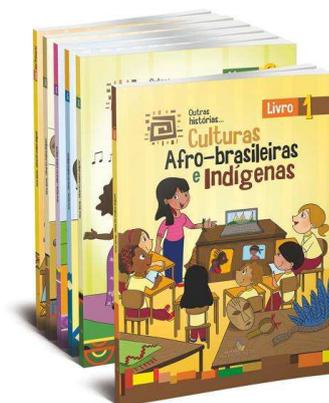
A opção se deu por entendermos que o conceito é mais próximo à nossa história, mas na discussão da palavra deixamos claro que é preciso o respeito ao modo como os povos originários se auto-definem. São eles que dirão como se vêem, se interpretam. A expressão nasceu da percepção de que em encontros organizados por esses povos para discutir as questões que lhes afligem a designação “povos originários” é recorrente, daí o uso da palavra.

Também, na maior parte da Coletânea, para nos referirmos à história da escravidão e da liberdade, utilizamos, quase sempre, a designação “escravizados” ao invés de “escravos”, por entendermos que a condição de escravizados foi uma imposição, uma situação, e não o seu reverso, daí a tentativa de “desnaturalização” da palavra. A discussão da “resistência escrava” esteve *pari passo* à escravidão, por entendermos que onde houve a escravização ocorreu a luta contra ela, fosse pelo

³ DIAS, Lucimar Rosa ; BORGES, Maria Celma ; GUIMARAES, Maura Tânia ; QUILES, Raquel E. Saes. A produção de material didático-pedagógico e a construção de um novo imaginário sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 6, p. 403-424, 2014. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN, v. 6, p. 403, 2014.

do enfrentamento direto, pelas ações individuais ou coletivas ou ainda pelas redes de negociação que se teciam ao longo da história, no modo possível de cada dia.

A seguir, apresentamos uma imagem da Coletânea que tenta contemplar esses diversos saberes:



Ilustrações de Vanessa Alexandre, 2012

Organizada em 5 volumes, mais o Livro do Professor, a Coletânea traz quatro questões norteadoras de todos os temas que elencamos como centrais para esta reflexão, e as quais explicitam o trabalho da equipe, de um modo geral. Como destacamos na apresentação da Coletânea:

A *unidade I* questiona: “Quem sou eu? Quem é o outro? Quem somos nós?”. Queremos que vocês pensem sobre sua história, seu corpo e sua cultura, mas também sobre a história de quem está a sua volta”.

A *unidade II*, que tem como pergunta “De onde viemos”?, traz informações sobre as origens da humanidade na África e sobre os povos originários que habitavam as Américas, antes mesmo da chegada dos europeus. Em alguns lugares a presença indígena é mais marcante, em outros é a presença negra que se destaca. Aprendemos, assim, que há uma rica diversidade de histórias e encantos a serem descobertos!

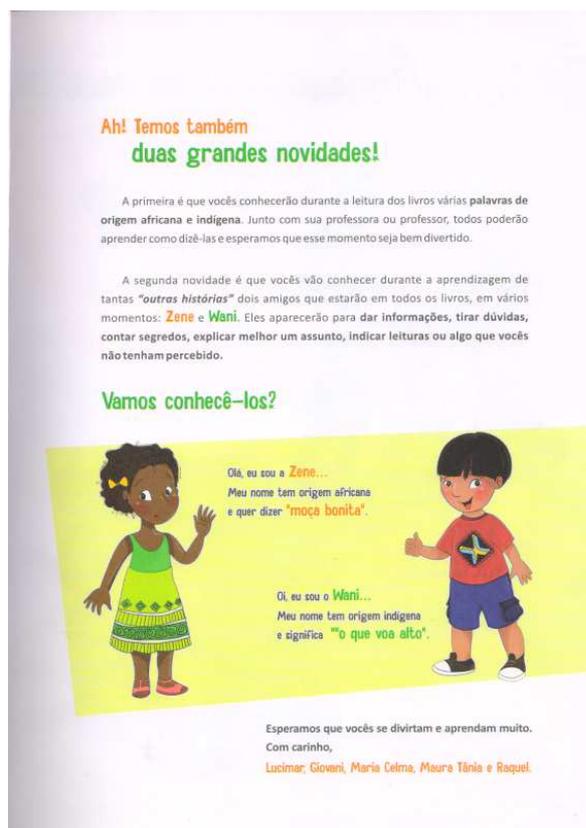
A pergunta que guia toda a *unidade III*, “E as nossas raízes?”, deseja contar a vocês de onde vêm os nossos saberes e as nossas origens. Em outras palavras, queremos que percebam que todos somos frutos do mosaico que é a cultura brasileira. O olhar se volta para as culturas afro-brasileiras e indígenas, compartilhando com vocês a riqueza que precisa ser conhecida para ser valorizada e respeitada em toda a sua plenitude.

A *unidade IV*, a partir da pergunta “E os nossos direitos?”, trará assuntos relacionados aos direitos que são de todos os brasileiros, mas, infelizmente, nem sempre são garantidos. Além da apresentação dos direitos universais, a ênfase de nossas discussões está na conquista dos direitos dos povos originários e afro-brasileiros (DIAS et alii, 2012, p.4, Livro 1)

As séries iniciais foram contempladas, do 1º. ao 5º. ano, e o desafio maior fundamentou-se na preocupação em selecionar os temas que despertassem o interesse para o conhecimento de outras histórias..., com ênfase para as culturas afro-brasileiras e dos povos originários e, ao mesmo tempo, escrever em uma linguagem na qual nos fizéssemos entender, ou seja, de forma simples sem se fazer “simplista”. Implicou então discutir questões que não são simples, pois remetem a pensar a composição de nossa história, em suas contradições e ambiguidades; em suas conquistas e perdas; em seus encontros e desencontros, do passado ao presente, propondo várias atividades que despertassem o interesse e fossem mesmo chamarizes para a aprendizagem de temas tão caros à nossa história e cultura brasileira.

Tivemos a preocupação, principalmente em torno das ilustrações e dos debates contemplados, em ressaltar a importância das diferenças como algo positivo. Então, as ilustrações trazem cores diferentes da pele; trazem ainda pessoas gordas, magras, baixas, altas, com necessidades especiais, como: cadeirantes, cegos, surdos, mudos. Pensamos que isto é algo inovador, pois comumente estas diferenças são ignoradas ou mesmo silenciadas.

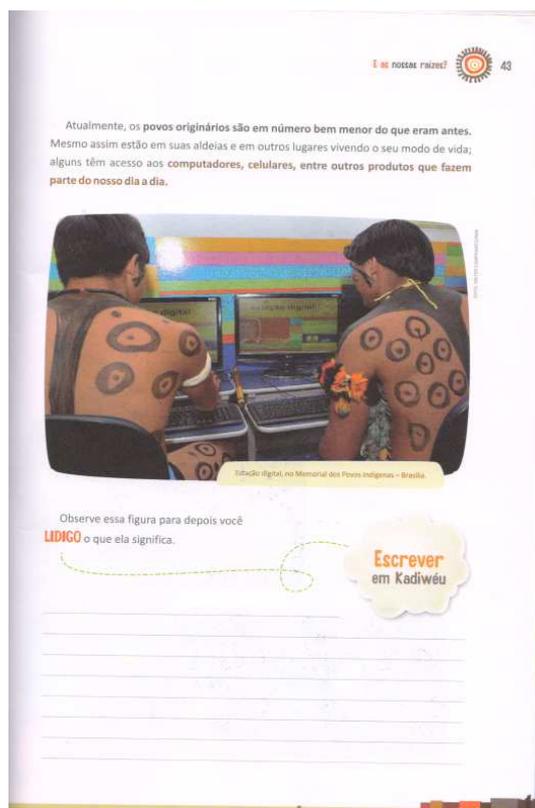
Como uma das estratégias de chamamento para o envolvimento das crianças com estas temáticas, dentre o cuidado com as palavras que utilizávamos e as imagens que a Coletânea traz - haja vista a preocupação em privilegiar a questão da educação inclusiva e das diferenças como valor positivo -, pensamos também em dois “curinguinhas” que teriam várias funções: dariam explicações, apontariam atividades, ilustrariam as cenas e trariam mais vida ao nosso trabalho. Daí a construção das ilustrações de Zene (que quer dizer “moça bonita” em Iorubá) e de Wani (que significa “aquele que voa alto” em Guarani), como segue nas Ilustrações.



Ilustrações de Vanessa Alexandre, 2012 - (DIAS et. alii, 2012, p.04 – Livro I)

No decurso de toda a Coletânea I, quando das atividades, apresentamos verbos que, em formato de balão, e quase sempre destacados por Zene ou Wani, trazem o significado de uma das línguas africanas (o lorubá) e de quatro línguas indígenas presentes entre alguns dos povos originários de Mato Grosso do Sul (Guarani, Kadiwéu, Terena e Guató). Ao final de cada Livro, no Glossário, apresentamos de que modo os verbos podem ser pronunciados.

A seguir, apresentamos um exemplo de uma destas atividades, retirado do Livro I, Unidade III, em que o foco de abordagem centrou-se tanto na valorização da diferença vivenciada pelos povos originários, a exemplo dos costumes e da alimentação, como das semelhanças com os não índios, como no uso de computadores, o que não os faz deixarem de ser indígenas.



Ilustrações de Vanessa Alexandre (DIAS et. alii, 2012, p.43 – Livro I)

A escolha das línguas indígenas derivou do conhecimento de um dos autores da Coletânea no domínio das mesmas - o professor Giovani José da Silva -, e o uso da língua africana Iorubá deu-se em vista da existência de assessoria e da importância desta língua para a cultura afro-brasileira.

Escrever esta Coletânea implicou pensar a escrita da história e a abordagem de diferentes culturas, em vista do compromisso assumido pelos autores, de tentar apreender o mosaico que somos nós, em sua positividade, como destacado na própria apresentação.

Algumas considerações...

Ao partirmos da premissa de Paulo Freire (1987, 2000), acreditamos que não vale a pena fazer a história, escrevê-la, se não pudermos comungar desse fazer-se, de forma coletiva, para assim construí-la ou mesmo desconstruí-la, por meio de uma relação dialógica, estabelecida na ação humana, na prática da sala de aula e na inserção destes temas na sociedade mais ampla. Temas que venham contribuir na

construção de saberes entre professores(as) e alunos(as) e, ao extrapolar a sala de aula, que cheguem aos mais diversos lugares conclamando o respeito e a valorização das diferenças.

Como ressaltado, esperamos que esta Coletânea seja utilizada por meio de ações que partam, fundamentalmente, do “querer-saber” dos (as) alunos(as), como diria Japiassu (1979), e não do “querer-poder” das instituições. Também que os saberes escolares possam ser construídos no dia a dia das salas de aula das escolas públicas e particulares, no cotidiano da Universidade, - quando formamos os (as) acadêmicos (as) e também nos transformamos no processo -, tal como em outros lugares de produção da vida que não se limitam à Instituição escolar.

Como resultado desta Coletânea que vem sendo utilizada em vários municípios de Mato Grosso do Sul - desde 2012 -, fomos convidadas a dar continuidade a ela e escrevemos, agora em quatro professoras, os Livros VI, VII, VIII e IX, mais o Livro do Professor, contando com a assessoria do professor Giovani José da Silva. Os curinguinhas nos acompanharam neste trabalho e, entre os anos de 2013 e 2014, “cresceram” e se tornaram adolescentes:



Ilustrações de Vanessa Alexandre, 2015 - (DIAS et alii, 2015, p.7)

Como balanço deste novo trabalho, podemos observar que os temas contemplados - como destacamos na Apresentação de Outras histórias.... (Coletânea II) -, compreendem a percepção dos avanços na Lei de Diretrizes e Bases, por isto “saudamos tais mudanças”:

[...] pois sabemos que, historicamente, negros, negras e indígenas tem sido objeto do racismo à brasileira, isto é, todos admitem o preconceito e a discriminação em relação a estes grupos, mas quase ninguém se responsabiliza por suas práticas, frequentes em vários âmbitos da sociedade, inclusive nas escolas. Por isso, festejamos a alteração da Lei que transforma o trabalho pedagógico em relação a este tema em uma obrigação e não mais como ato de boa vontade de alguns. (DIAS et alii, 2015 – Contra capa)

Oxalá que estas reflexões sirvam para a discussão dos lugares de formação de professores de História, tendo em vista os dilemas, impasses e desafios que se apresentam neste novo século. Acreditamos ainda, ser possível, quem sabe um dia, que a produção de materiais didáticos sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas seja incentivada, a fim de diminuir ou, quiçá, vir a ser um dos instrumentos para dar fim ao preconceito e à discriminação ainda fortemente enraizados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. 4.ed. Publicações Europa-América, s/d. (coleção Saber)

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). **História: novos problemas**. 2.ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1979.

DIAS, Lucimar Rosa; BORGES, Maria Celma; GUIMARAES, Maura Tânia; JOSÉ DA SILVA, Giovani; QUILES, Raquel E. Saes. **Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas** (Livros 1, 2, 3, 4, 5 e Livro do Professor), Campo Grande: Editora Alvorada, 2012.

_____. A produção de material didático-pedagógico e a construção de um novo imaginário sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 6, p. 403-424, 2014.

DIAS, Lucimar Rosa; BORGES, Maria Celma; COLUCCI, Maura Tânia Guimarães; QUILES, Raquel E. Saes. **Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas** (Livros 6, 7, 8, 9 e Livro do Professor), Campo Grande: Editora Alvorada, 2015. (NO PRELO)

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros estudos**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 3ª. reimpressão. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

GLENISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. 4ª. Ed. São Paulo: Difel, 1983.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. São Paulo: Hucitec, 1979.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pillar A. et. alii. **A pesquisa em História**. São Paulo: Editora Ática, 1991.